

Etnografia digital e ensino a distância

Digital Ethnography and distance learning

José da Silva Ribeiro¹

Faculdade de Artes Visuais – Universidade Federal de Goiás
CEMRI – Universidade Aberta UAb – Portugal

Resumo

A antropologia não é uma ciência das sociedades longínquas e exóticas, nem mesmo das pequenas comunidades ou das sociedades simples. Deslocada das suas temáticas de origem, “repatriada”, a antropologia centra a sua investigação nas sociedades complexas e em novos campos, em novas temáticas e sobretudo nas questões da mudança. Propomo-nos apresentar um programa de pesquisa e ensino em antropologia digital/antropologia virtual ou do virtual, explorar os ambientes, culturas e comunidades *on-line* como campo e objeto do projeto antropológico e adequar os métodos de investigação às novas dinâmicas sociais e culturais que emergem destas situações e da era digital.

Palavras-chave: Sociedade. Cultura. Era digital. Antropologia digital.

Abstract

Anthropology is not a science of the distant and exotic societies, not even of the small communities or simple societies. Shifted from thematic source, “repatriated”, anthropology focuses its research in complex societies and in new fields, new issues and particularly on the issues of change. We propose to introduce a program of research and teaching in digital anthropology / virtual anthropology, exploring the environments, cultures and on-line communities such field as anthropological object designed to adapt research methods to the new social and cultural dynamics that emerge in these situations of the digital age.

Keywords: Society. Culture. Digital age. Digital anthropology.

Introdução

Durante muito tempo a antropologia foi a ciência das sociedades arcaicas, selvagens e exóticas transformando-se gradualmente em ciência das sociedades “primitivas”. O qualificativo de “primitivo” remete para a qualidade intrínseca destas sociedades, para o “presente etnográfico”, não emitindo juízos acerca da sua anterioridade no curso da história humana. Mais recentemente, a antropologia atribuiu às sociedades que estudava um carácter (exclusivo) fechado. Os qualificativos de sociedade “sem história”, “sem escrita”, “sem Estado”, “sem máquinas” foram introduzidos, não para sublinhar uma escassez de sociedade, mas para as distinguir, por vezes até de forma positiva ou romântica, da nossa sociedade (das sociedades complexas). Por causa da ausência de poder coercivo e de instituições especializadas num ou noutro domínio, estas sociedades eram consideradas mais livres, mais espontâneas, mais igualitárias que as sociedades complexas. O seu carácter de “autenticidade” e de “transparência” tornava-as objeto de estudo particularmente pri-

1 CEMRI – Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais, Universidade Aberta Uab – Portugal, Investigador Responsável pelo GI – Media e mediações culturais. Professor Visitante da Faculdade de Artes Visuais – Universidade Federal de Goiás. E-mail: jsribeiro.49@gmail.com.

vilegiado para a antropologia. Para nomear estas sociedades, utilizam-se nomes como “sociedades tradicionais”, comunidades,² como que para marcar uma certa neutralidade na caracterização dos seus objetos.

Estas sociedades estudadas eram, sobretudo, sociedades submetidas ao poder colonial, inseridas no processo de expansão industrial, corolário da conquista europeia que empreendia uma verdadeira desrealização do outro, numa perspetiva de estranheza, de diferença radical, ou mesmo de anormalidade pela via do exotismo. Sociedades o mais possível afastadas (geográfica, física, material e culturalmente) das nossas (PIAULT, 1992). Foi, neste quadro, que ocidentais que viajavam realizaram as primeiras recolhas de informação, à sombra do poder colonial. A obtenção do conhecimento era um processo análogo e paralelo ao da exploração colonial de recursos naturais (DAVIES, 1999).

Paralelamente a antropologia, desde o início do séc. XIX, estabeleceu uma relação entre o “indígena” ou “nativo” e os pobres das sociedades europeias. A figura do selvagem primitivo era prolongada pelo excluído europeu (KILANI, 1994). Eram assim incluídos indigentes, agricultores, montanhese, os que a ação civilizadora da ciência procurava reabilitar para a sociedade moderna. A antropologia tinha além de um carácter romântico, de “preservação”, “conservação” das sociedades tradicionais, o filantrópico de integração de excluídos, ambos valores da sociedade moderna. Mantém-se, ainda, com frequência nesta situação, neste paradigma – a continuidade de interesse pelo exótico, pelas margens, pela filantropia (hoje mediatizada pela grande media). A antropologia parece não ter sabido, durante muito tempo, voltar-se para o centro, para as sociedades contemporâneas. Hoje a antropologia das sociedades contemporâneas ganhou fôlego, estudos e muitos autores de referência (AUGÉ, 1992, 1997; BAUMAN, 2003; FELDMAN-BIANCO, 1987; FISCHER, 2011, HANNERZ, 1992; LATOUR, 1994, 1997).

Como afirmou Bruno Latour,

Centenas de etnólogos visitaram todas as tribos imagináveis, penetraram florestas profundas, repertoriaram os costumes mais exóticos, fotografaram e documentaram as relações familiares ou os cultos mais complexos. E, no entanto, a nossa indústria, a nossa técnica, a nossa ciência, a nossa administração permanecem bem pouco estudadas. Expulsos do campo em África, na América Latina ou na Ásia, os etnólogos só se sentem capazes de estudar, nas nossas sociedades, o que é mais parecido com os campos que acabavam de deixar: as artes e tradições populares, a bruxaria, as representações simbólicas, os camponeses, os marginais de todos os tipos, os guetos. É com temor e escrúpulo que avançam nas nossas cidades. Chegando ao cerne delas, estudam a sociabilidade dos habitantes, mas não analisam as coisas feitas pelos urbanistas, pelos engenheiros do metro ou pela câmara municipal; quando penetram de salto alto numa fábrica, estudam os operários, que ainda se parecem um pouco com os pobres exóticos e mudos que os etnólogos têm o hábito de sufocar sob seus comentários, mas não os engenheiros e os patrões. Têm um pouco mais de coragem quando se trata da medicina, reputada como uma ciência “mole”. Mesmo neste caso, contudo, eles estudam de preferência a etno-medi-

2 O conceito de comunidade é um dos mais difíceis de definir. A ideia de comunidade continua a desafiar a pesquisa etnográfica e a análise sociológica. Como outras noções das ciências sociais, a noção de comunidade é polissêmica, ou seja, comporta uma diversidade de sentidos, além de evocar conteúdos emotivos que lhe imprimem certa peculiaridade em relação a outras palavras. Torna-se necessário desconstruí-la cuidadosamente e despi-la das suas conotações acumuladas de sentidos uniformizantes. Sem rejeitar a palavra, apelamos à sua redefinição, recuperando suas virtudes para um uso renovado no Século XXI.

cina ou as medicinas paralelas. Os médicos propriamente ditos, as medicinas centrais não são objeto de qualquer estudo meticoloso. Nem falemos da biologia, da física, das matemáticas. Ciência da periferia, a antropologia não sabe voltar-se para o centro (LATOUR, 1997, p. 18).

Os estudantes que nos chegaram dos países africanos para fazerem formação, bem como muitos interlocutores do nosso quotidiano de trabalho na antropologia tem também a ideia de que o seu objeto de estudo continua a ser as “sociedades simples”, as culturas tradicionais, o outro exótico ou pobre, e consideram o seu estudo de valor duvidoso para seus países. Dificilmente vemos, abordada pelos antropólogos, a cultura como valor (como princípio epistemológico das ciências sociais) /ou valor para o desenvolvimento e, muitas, vezes a relação entre estes dois conceitos, cultura e economia, escandaliza-os. Gay Hermet, (2000, p. 25) afirma:

O desenvolvimento e a cultura estão intimamente ligados. No entanto, quem enfatiza essa conexão expõe-se imediatamente a um processo de intenção, provocado pela mera menção de tal vínculo. Principalmente nos últimos vinte anos, declarar que o desenvolvimento e a cultura das populações são interdependentes faz logo surgir uma forte suspeita. Mais exatamente: formular essa constatação sugere a todos aqueles que se negam a considerá-la que quem a enuncia interpreta os valores próprios de cada grupo humano como determinantes indeléveis, cujo efeito é condenar sociedades inteiras à miséria económica e social, ou, ao contrário, predestiná-las a um desenvolvimento indefinido.

Constatamos, pois, que a antropologia, ou as ciências sociais em geral, se confrontam, na atualidade, com uma evidente depreciação na academia e na sociedade (FLYVBJERG, 2001). Isto é evidente na Europa e na África de que temos referência. Tal parece não acontecer no Brasil, na América Latina e nos EUA.

Há pouco mais de uma década Bernard Dupaigne (1997) perguntava: será a etnologia um luxo das nossas sociedades ricas, devoradora de recursos naturais limitados? O etnólogo, um assalariado do Estado, que pretende ultrapassar as contingências e gozar de uma neutralidade científica, de uma espécie de extraterritorialidade moral? Deverá contentar-se em olhar do exterior ou poderá permitir-se criticar, como se fosse membro da sociedade? Fixando conservadorismos, como se dá conta do movente, do não habitual, dos comportamentos fora das normas, dos contestatórios, dos que mexem com o sistema existente da sua sociedade? Actualmente, perante a emergência económica de novos países, por vezes antigas colónias, as crises financeiras dos países hegemónicos, a crise migratória no Mediterrâneo e no mundo, as manifestações nos países árabes do Mediterrâneo e do Médio Oriente e a consequente queda das ditaduras, outras perguntas surgirão. A mais pertinente parece ser esta: qual a influência dos media e das tecnologias digitais neste processo? Como é que o grupo de activistas, interconectados em redes digitais, subsistirá ou influenciará as dinâmicas sociais após esta aparente situação de liminaridade?

São muito diversificadas as respostas a estas perguntas e múltiplos os percursos intelectuais e morais dos investigadores. Uns centrados nos percursos académicos, outros comprometidos com interesses económicos e políticos, outros ainda implicados nas problemáticas sociais das pessoas, povos e sociedades estudadas e, actualmente, alguns voltados para as tecnologias. Quer para as tecnologias visuais e sonoras e com o cinema e os novos media desenvolvendo relações profícuas e

novos objetos de estudo, quer explorando uma relação antiga da antropologia com a comunicação. Marc Augé nas lições de África interroga-se: “terão hoje ainda sentido certas distinções disciplinares? Quando se fala de antropologia, não se estará a evocar investigações muito próximas das da sociologia ou daquilo a que hoje chamamos as ciências da comunicação?” (AUGÉ, 2006, p. 9). Esta questão já fora anteriormente levantada pelos clássicos da antropologia Lévi-Strauss, Goody, Geertz, Giddens, Foucault, Sperber, Fischer. Mas é sobretudo a relação com as tecnologias, com os novos media, com a cultura e a sociedade tecnologicamente mediadas, com a cultura e as comunidades *on-line* que nos interessa nesta comunicação.

O MIT – Massachusetts Institute of Technology, tem atualmente uma vasta oferta de formação em antropologia,³ mais de três dezenas de cursos e um grupo de cursos no âmbito das tecnologias em contexto cultural “Technology in Cultural Context” em que se inscrevem 15 matérias diferentes das quais destaco – Language and Technology, Documenting Science through Video and New Media, Technology and Culture, Cultures of Computing, The Anthropology of Sound. Não me parece, pois, que a Antropologia se configure como uma área de conhecimento em extinção, mas em mudança, como afirma Augé “considera que o mundo mudou e que é essa mudança que é preciso estudar” (AUGÉ, 2006, p. 7). Bruno Latour vai mais longe ao considerar que a entrada do antropólogo “numa tribo de cientistas e engenheiro” (LATOURE, 1994, p.101) supera Grande Divisão (outro exótico) e a Grande Divisão Interior (as margens sociais). A antropologia digital, o estudo da cultura e comunidades *on-line*, sendo transversais parecem superar também estas duas Grandes Divisões. Não ignoramos as populações excluídas dos processos tecnológicos. No entanto, a penetração das tecnologias nas dinâmicas sociais, atinge todos os povos, todas as sociedades, todos os grupos e classes sociais.

Insistimos, pois, que, no âmbito da antropologia, ou das ciências sociais em geral, se torna necessária a abordagem das sociedades contemporâneas, sociedades em mudança, mudanças provocadas por contínuas transformações tecnológicas que marcam profundamente o homem, as sociedades e as culturas e suas representações. É, pois, neste contexto que apresento um programa de investigação e formação em antropologia digital ou antropologia dos artefatos digitais e das culturas e das comunidades *on-line* – dinâmicas sociais e culturais na era digital.⁴

Propomos aprofundar o debate em torno das mudanças tecnológicas, mas sobretudo das mudanças socioculturais delas resultantes. Para isso abordaremos a metodologia específica de investigação das culturas e comunidades *on-line* (cultura imaterial) e a adaptação da investigação antropológica às situações de estudos da utilização dos artefatos digitais (cultura material) e seus efeitos na sociedade e na cultura. Procuraremos dar respostas a questões fundamentais como as seguintes: que tipo de sociedades são geradas pelas novas tecnologias? Que tipo de grupos sociais (comunidades) se formam à sua volta? Como é que a adoção massiva das novas tecnologias reconfigura ou afecta as identidades sociais, a percepção que as culturas, classes e grupos têm de si mesmos e dos outros, das suas interações, da natureza humana, da vida, da cultura, das utopias? Como mudam as formas de

3 <http://student.mit.edu/catalog/m21Aa.html#21A.550>.

4 Esta Disciplina ou Unidade Curricular foi desenvolvida no Laboratório de Antropologia Visual, atualmente Grupo de Investigação Media e Mediações Culturais e integrada no Mestrado em Relações Interculturais em Ensino a Distância da Universidade Aberta em Portugal. Reconfigurada e adaptada ao ensino presencial é atualmente (2016) uma disciplina das pós-graduações em Arte e Cultura Visual e em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás.

relação (interacção), comunicação, aprendizagem e transmissão de saberes, pensamento, actuação, entretenimento, trabalho, participação política? Como se reconfigura a interculturalidade na era da comunicação generalizada, do acesso à comunicação e ao conhecimento? Que mudanças, na teoria antropológica orientada para estas novas temáticas e na metodologia na abordagem de novos campos? Haverá uma rutura na teoria e metodologia antropológicas com a abordagem destas novas temáticas e destas novas situações (campos/ambientes/campo) de investigação? Concluimos que amplos desafios e possibilidades se oferecem aos antropólogos, sobretudo àqueles que investigam e interpretam a produção discursiva das culturas, as narrativas identitárias dos atores culturais e as mediações tecnológicas hoje operantes nesses processos.

Objetivos, conteúdos e estrutura do curso

A formação proposta assenta em três ciclos distintos, equivalente aos 3 ciclos de adequação do ensino superior europeu ao processo de Bolonha: licenciatura, mestrado e doutoramento (na situação atual acima referida nos programas de pós-graduação: mestrado doutorado). A formação, num tempo em que se postula a necessidade de cruzamento dos saberes, poder-se-á integrar nos cursos de antropologia, de sociologia, de artes, de ciências da comunicação, de economia da cultura. Nesta apresentação abordarei a integração desta formação no Mestrado⁵ (2º ciclo) em Relações Interculturais em ensino a distância e sua reconfiguração atual ao ensino presencial e a novos contextos institucionais – Programas de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual e Antropologia Social. Nesta Disciplina – dinâmicas sociais e culturais na era digital, abordamos cinco grandes temáticas ou complexos temáticos.

A primeira temática centra-se na definição do objeto, âmbito e metodologia da disciplina. Trata-se da identificação de uma nova temática ou área de estudos antropológicos. Questionamo-nos sobre a continuidade e rutura em relação à história do pensamento antropológico (teoria e metodologia em antropologia). Centram-nos numa antropologia que tem como objeto de estudo a mudança a partir da perspectiva de uma antropologia aberta a outras disciplinas na medida em que a investigação e a formação que propomos é muito próxima da sociologia das ciências da comunicação, das artes ou mesmo das ciências da educação. A metodologia proposta é, por um lado, a metodologia (ou etnografia) habitual da antropologia adaptada a novas situações e contextos, o da utilização dos artefatos digitais (cultura material) e do impacto das tecnologias na sociedade e na cultura (ou mesmo a da utilização das tecnologias na investigação antropológica – trabalho de campo, tratamento da informação e disseminação dos resultados). Por outro lado, a metodologia tem outro viés, igualmente importante, o de uma metodologia de estudo de uma antropologia *on-line*, uma antropologia no virtual, o trabalho de campo a realizar em novos campos exige a adaptação. A disciplina cruza, pois, o desenvolvimento da etnografia tradicional com a netnografia,⁶ a etnografia *on-line* (do virtual), o trabalho de

5 O projeto de antropologia digital, ou do digital (*on e off-line*) contemplava uma formação e investigação continuada ao longo dos três ciclos. No primeiro ciclo *Cultura, Sociedade e Novas Tecnologias*. No segundo ciclo *Dinâmicas sociais e culturais na Era Digital*. No terceiro ciclo *Media e mediações culturais*.

6 Prefiro usar o termo etnografia em novos contextos e situações ao terno netnografia mais usada nas “ciências sociais

campo e a observação participante em ambientes *on-line*. Esta temática inclui formação técnica e a utilização de meios tecnológicos de apoio à investigação, análise e publicação.

A segunda temática desta área de estudos antropológicos consiste no estudo da relação entre a cultura e as tecnologias. Nesta propõe a abordagem da relação da cultura e tecnologia ao longo do percurso histórico, em sociedades e culturas diferenciadas ou por grupos específicos – jovens, mulheres, migrantes, criadores. Estudaremos também a conceção de Homem (género, corpo, sociedade, ambiente) nas representações inscritas nas tecnologias e nos discursos que a abordam – no discurso científicos e nas representações ficcionais lineares ou interativas (hipermediáticas): cinema, romance (*Neuromante*), jogos interactivos. Cultura e tecnologia (teoria e tecnologias da cultura) – mudança nas sociedades contemporâneas.

A terceira temática aborda a sociedade e as sociabilidades em rede – culturas e comunidades *on-line*. Questionamos a mudança não apenas no conceito de comunidade, mas nas mudanças nas comunidades estudadas: estudos de comunidade, comunidades imaginadas, comunidade *on-line*; redes sociais e as redes sociais digitais; capital social e memória colectiva e mudanças nas situações actuais das interações *on-line*. Processos colaborativos e participativos nas comunidades *on-line*.

A quarta temática aborda as oportunidades e risco nas sociedades e cultura na era digital a Cidadania Global. Partimos para esta temática da proposta apresentada no curso Anthropology of Computing, do MIT que propõe a abordagem da contracultura na computação – *Computing Counterculture: Hacking and Gaming from PC to Internet*. Pretendemos, porém, situá-la no contexto actual dos estudos das sociedades em risco e das questões da criatividade / criação e do empreendedorismo tecnológico.

A quinta temática abordada no curso questiona a construção, mediação e utilização do conhecimento e da cultura. Dá por um lado continuidade a uma temática importante na antropologia, a de utilização das tecnologias na investigação em antropologia, da escrita em antropologia, da utilização do conhecimento antropológico. Abre, no entanto, perspectivas para sua utilização noutras ciências (comunicação da ciência, sociedade do conhecimento, memória colectiva). Seguimos, nesta temática a esteira do trabalho desenvolvido na última década no Laboratório de Antropologia Visual mas também do curso do MIT – Documenting Science through Video and New Media (Documentação da ciência através de vídeo e Novas Media)

O sexto tema aborda a antropologia do consumo, da ação e do activismo mediado pelos computadores e artefatos digitais e o cibervoluntariado. A partida inspiradora para esta área é necessariamente a antropologia económica e uma referência importante, a teorizada da dádiva de Marcel Mauss aplica a novas situações de trabalho colaborativo, comunidades de prática, software livre, etc.

Objetivos e competências da disciplina

Ao conceber a Disciplina/Unidade de curricular tornou-se necessário esclarecer os conceitos de objetivos e competências e as ambiguidades que a utilização dos dois conceitos traz para o trabalho de organização pesquisa e da formação. Remeto para

aplicadas” e no marketing. Considero, porém, que o netnografia merece da parte dos antropólogos um olhar atento e a desconstrução de algumas práticas desenvolvidas no âmbito da etnografia na internet, virtual (HINE, 2000).

o denominado Processo de Bolonha, como forma de harmonizar o ensino superior europeu e fomentar o intercâmbio de estudantes e docentes na União Europeia.

A legislação que institui em Portugal o processo de Bolonha, decreto-lei 74/2006, refere que se torna necessária a “transição de um sistema de ensino baseado na ideia da transmissão de conhecimentos para um sistema baseado no desenvolvimento de competências”. Esta transição é reconhecida, quer pela repetição insistente desta necessidade de mudança, (o decreto-lei repete cinco vezes esta afirmação), quer pela sua formulação explícita:

(...) a questão central no Processo de Bolonha é reconhecida como a da mudança do paradigma de ensino de um modelo passivo, baseado na aquisição de conhecimentos, para um modelo baseado no desenvolvimento de competências, onde se incluem quer as de natureza genérica – instrumentais, interpessoais e sistémicas – quer as de natureza específica associadas à área de formação, e onde a componente experimental e de projecto desempenham um papel importante (DL 74/2006).

Considera ainda que o modelo de ensino baseado na transmissão – aquisição de conhecimentos é “questão crítica central em toda a Europa, com particular expressão em Portugal”. Se correctamente identificado o problema, talvez seja nesta transição ou transformação que poderemos identificar a natureza da mudança e perspectivar o desenvolvimento de “boas práticas”.

A noção de competências e, associada a esta a de empregabilidade, adquirem aqui uma particular relevância. Herdada do mundo empresarial por via da formação profissional, a noção de competências invadiu o discurso pedagógico contemporâneo. Poderá, no entanto, constituir apenas um disfarce modernista das práticas mais tradicionais e selectivas, como nos alerta Bernard Rey (2005) ou apenas uma mudança superficial, mudança de palavras de uma instituição que, de formas muito diversas, vem revelando uma extraordinária capacidade de fazer tudo da mesma maneira, não obstante as contínuas reformas. Bernard Rey e a sua equipa, numa recente publicação referem a dimensão construtivista e antropológica do conceito. Construtivista, porque as competências são construídas a partir de situações-problema que o professor deve criar. Antropológica, na medida em que estas competências não inscrevem uma visão utilitarista, ao serviço do uso concreto e imediato. Elas encontram-se inscritas na sua dimensão cultural e articulam-se com interrogações basilares, que lhes atribuem sentido.

A noção de competência conserva traços do mundo laboral – capacidade individual de adaptação a situações inéditas e conseqüentemente o domínio de processos e a capacidade de os mobilizar para um problema inédito. No ensino, articulam-se a tensão de duas competências específicas de cada um dos sistemas - atingir os objetivos finais de formação (capacidade reflexiva) e a capacidade de dar resposta a situações inéditas (a acção).

Parecem consensuais, algumas vantagens de um ensino baseado no desenvolvimento de competências. Apontam-se algumas: desfragmentação e sentido da globalidade da formação, motivação para a aprendizagem ativa, atribuição de uma finalidade aos saberes académicos; contribuição para tornar a aprendizagem numa transformação profunda dos estudantes; contribuindo para a redução da selectividade académica (escolar) e da “cultura de insucesso” (REY, 2005).

Penso constituir para nós, professores e investigadores, um grande desafio: Identificar competências, desenvolver metodologias adequadas à sua concretização, proceder à sua avaliação académica e de inserção no processo social. Realizar a “transição”, a passagem de uma situação de consumo – a aquisição de conhecimentos, para uma atitude mais activa e empreendedora o desenvolvimento de competências

Identificamos na primeira abordagem desta problemática três vias simultâneas neste desafio. A primeira focaliza a proximidade em relação ao terreno, isto é, privilegia um ensino experiencial resultante de uma aproximação entre investigação e ensino manifesta sobretudo na ideia de ação e de resolução de problemas. A segunda via é a de desenvolvimento de formas de aprendizagem colaborativa – as comunidades de prática poderão ter neste contexto um particular interesse no desenvolvimento de uma aprendizagem colaborativa, a utilização das tecnologias digitais com suas extraordinárias potencialidade de comunicação, de reconfiguração do espaço-tempo e de novas linguagens (ou de estabelecer novas ligações entre elementos constitutivos das linguagens), de tratar maior quantidade de informação e de recolha, armazenamento e tratamento de informação constituem instrumentação indispensável para esta mudança. Finalmente, a aprendizagem centrada na procura de soluções ou resolução de problemas que remete necessariamente para questões de natureza interdisciplinar.

Defini quatro competências para esta área de investigação/formação. Investigação formação pois tratando-se de uma Disciplina/Unidade Curricular de segundo ciclo (Mestrado e Mestrado-doutorado) pressupõe que poderá haver alguns estudantes, após o percurso formativo, a optarem pela realização da pesquisa e da dissertação ou tese no âmbito da antropologia digital – dinâmicas sociais e culturais na era digital.

A três primeiras competências propostas aos estudantes no “contrato de aprendizagem” são competências elementares ou processuais, isto é, competências que permitam realizar ações parcelares: 1) Aquisição de fundamentos conceptuais necessários à compreensão das problemáticas geradas pelas transformações tecnológicas contemporâneas e as suas implicações nos indivíduos, nas sociedades e culturas locais; 2) Aquisição de competências metodológicas específicas da natureza do trabalho de campo em ambientes tecnologicamente mediados (culturas e comunidades *on-line*), do objeto de estudos (tecnologias e artefatos digitais), da utilização das tecnologias digitais na investigação e na apresentação dos resultados; 3) Domínio de meios tecnológicos necessários ao estudo e à prática de antropologia digital.

O segundo nível de competências tem a ver com a interpretação de situações e a realização autónoma de escolhas perante uma situação nova – situações de enquadramento. Pretende-se a este nível desenvolver competências interpretativas decorrentes da necessidade de repensar a adequação (adaptação a novas situações) das metodologias de investigação antropológica a novos campos, novos contextos, novas práticas sociais e culturais (cultura e artefatos digitais, comunidades *on-line*, redes de sociabilidade e comunidades de prática mediadas pelas tecnologias digitais) e entender como esta prática configura um caso particular de uma etnografia móvel e multissituada.

A nível de desenvolvimento de competências complexas, ou denominadas por Bernard Rey de terceiro grau, orientadas para o saber escolher e combinar ade-

quadamente, diversas competências elementares e de interpretação (2º grau) a fim de dar resposta a uma situação nova e complexa, isto é, estudos de caso, análise e avaliação de projetos e de produção científica, elaboração de um artigo fundamentado, concepção e desenvolvimento de projetos ou de produção científica tecnologicamente mediada. A elaboração de um artigo é realizada como trabalho final, complementar à avaliação contínua, consistindo no desenvolvimento de um tema que se proponha aprofundar uma das temáticas propostas nas atividades. Na sua avaliação serão tidos em conta os seguintes critérios: Definição e delimitação clara do âmbito do trabalho; Domínio dos conceitos trabalhados na disciplina e aplicados no trabalho; Utilização e integração dos conhecimentos desenvolvidos nas atividades de formação; Demonstração da capacidade de problematizar, argumentar, refletir e elaborar ideias com base nos conceitos e temáticas abordadas; Qualidade das fontes documentais indicadas e utilizadas; Correção formal (utilização das normas de apresentação de um trabalho científico) na apresentação do trabalho. Este trabalho final pode consistir numa primeira exploração da investigação a realizar na dissertação.

Atividades

As atividades no ensino a distância constituem elementos ativadores do conhecimento, organizam as interações verticais com os conteúdos (e os recursos utilizados) e com o professor e as horizontais entre os estudantes, a realização dos trabalhos e das tarefas propostos na atividade e a avaliação. A “orquestração” das atividades e a sua relevância no processo remeteram-me para o ensino programado, ou seja, para o desenvolvimento de um design de formação que embora disponibilizado como contrato de aprendizagem a ser “negociado” com os estudantes, se impõe como uma forma definitiva programada no tempo; a acessibilidade dos meios (baratos e fáceis de experimentar e de alterar) a professores e estudantes são uma consistente oportunidade/possibilidade de conceber atividades de ensino adequado às sociedades fragmentadas: diversidade de interesses, aprendizagem a partir de fragmentos, de pedaços aparentemente soltos de conhecimento partilhado e usado (citado, criticado, ignorado); a simplicidade das ferramentas disponíveis e utilizáveis constitui um instrumento de criatividade e interação importantes para esta prática social de aprendizagem. É baseado nestes pressupostos que programei as atividades a desenvolver nesta Disciplina/Unidade Curricular. Começamos por um trabalho inicial centrado no estudante de forma a que o docente possa fazer um diagnóstico da situação individual de cada estudante para posteriormente seguir o caminho de aquisição de conhecimento e desenvolvimento de competências mais estruturadas e epistemologicamente fundamentadas. No início de cada atividade propomos o enunciado de uma temática.

Exploração autónoma da temática

A problemática da sociedade e da cultura digitais invadiu o nosso quotidiano. De forma consciente ou não, entramos no mundo e na era digital. Se no dia a dia nos deparamos sobretudo com a utilização dos media digitais no ensino, na informação, no entretenimento e no controlo social, também as dinâmicas da sociedade e da cultura digital irrompem por todo o lado criando dinâmicas novas, por vezes

incontroláveis, às quais dificilmente sabemos dar respostas. Pretende-se nesta atividade que cada estudante aprofunde a sua consciência desta situação, a explore autonomamente para posteriormente a debaterem em grupo e elaborarem um primeiro relatório de percurso. Recomenda-se vivamente atenção ao quotidiano e à representação cinematográfica das redes sociais. A reflexão sobre as diversas formas da “cultura de convergência” não apenas de convergência dos *media*, mas de convergência da ação, (JENKINS, 2003, 2013) são o objeto central desta atividade mais centrada no olhar para as práticas que olhar para os discursos (FLYVBJERG, 2001). Pretende-se que o estudante desenvolva competência de reflexividade – Tomar consciência e expressar a sua individualidade, e do seu percurso, na vida social e no processo colaborativo de aprendizagem; mobilizar competências de pesquisa (estudos de caso), gestão e avaliação de informação em ambiente *on-line*; integrar os resultados de pesquisa no seu percurso individual; competência técnicas de utilização dos recursos tecnológicos disponíveis no ambiente *on-line*; dominar as diferentes modalidades de comunicação disponíveis no quotidiano e nos ambientes; competências sociais de trabalho em equipa (Comunidades de Prática).

Objeto e âmbito da antropologia digital

São muitas as denominações da problemática que abordamos nesta área do conhecimento antropológico. Na conferência do *Comité du Film Ethnographiques*, realizada em 2006, definiam-se como “novas tecnologias, novos campos, novas linguagens” de uma tradição de ligação entre as tecnologias e a antropologia de uma história paralela entre imagens, as tecnologias da representação e a antropologia. A Internet e as tecnologias digitais reconfiguram as dinâmicas sociais e culturais e suas representações. Esta situação comporta novos desafios e as consequentes alterações epistemológicas, metodológicas e de interpretação. São muitos os nomes atribuídos a esta prática antropológica – etnografia virtual (HINE, 2000), etnografia do ciberespaço (HAKKEN, 1999), etnografia de/no/através de Internet (BAULIEAU, 2004, 2016), ciber-etnografia (ESCOBAR, 1994), Antropologia digital (DART,⁷ OAC⁸ em RIBEIRO, 2016), etc. Pretendemos nesta Disciplina/Unidade Curricular desenvolver formas do fazer etnográfico no espaço de interação que conjuga a Internet com as tecnologias e artefatos digitais (telefones móveis, fotografia e cinema digitais, redes e redes sociais, jogos, etc.). Uma das situações deste fazer etnográfico é esta em que nos encontramos – o quotidiano digital (individual, social, institucional), o ensino *on-line* (formal ou informal), as aprendizagens mediadas pelas tecnologias. Somos observadores participantes destes processos de construção de conhecimento. É também sobre estas experiências de construção partilhada de conhecimento numa rede alargada de interações que situamos a nossa aprendizagem. São objetivos desta atividade definir o objeto e âmbito da Disciplina/Unidade Curricular, observar e descrever a experiências das sociabilidades e vivências virtuais (*on-line*). Para isso propomos aos estudantes: O levantamento de formação e produção científica neste domínio – identificação de temáticas, metodologias, objectivos de formação e práticas desenvolvidas neste domínio: académicas – teses, dissertações, grupos e projectos de investigação; sociais e culturais – atividades

7 DART – DART: Digital Anthropology Resources for Teaching projecto desenvolvido pela colaboração entre a Columbia University e a London School of Economics: in, <http://www.columbia.edu/dlc/dart/>.

8 Open Anthropology Cooperative.

cívicas e culturais, redes sociais; frequentar redes sociais e grupos sociais de interação *on-line* e tentar situar-se como observadores participantes. Desenvolvendo uma atitude ética e epistemológica. Desenvolver estas competências na situação em que nos encontramos de ensino *on-line* e do quotidiano digital – observadores e participantes das interações virtuais. Elaborar as notas de observação e o diário de campo; Mobilizar competências de pesquisa, gestão e avaliação de informação em ambiente *on-line*; Ler de forma crítica a informação escrita disponibilizada – os recursos (textos) propostos pelo professor; Confrontar criticamente os resultados da exploração obtidos na primeira atividade com os recursos (textos) propostos pelo professor; Integrar a leituras e os resultados de pesquisa no seu percurso individual; Dominar as diferentes modalidades de comunicação disponíveis nos ambientes de interação *on-line*; Desenvolver estratégias e a etiqueta (netiqueta) de interação *on-line* e de resolução de conflitos.

Da Etnografia à netnografia – Métodos de investigação on-line

A adaptação das metodologias a novos campos, contextos e práticas sociais e culturais constitui um dos maiores desafios da investigação antropológica. Esta permite-nos constatar a diversidade das situações de investigação, as mudanças dos contextos e práticas sociais e culturais e as próprias mudanças do investigador. Constitui também uma boa oportunidade para reforçar a componente reflexiva (a experiência e presença do investigador na investigação, a participação/apropriação da investigação pelas pessoas, grupos e culturas estudadas) da investigação e de aprendizagem de adaptação dos métodos e do antropólogo ao terreno. Nesta atividade vamos perceber as mudanças nesta adaptação da investigação etnográfica e experienciar a prática de investigação em contextos virtuais (*on-line*). São estes os objetivos e competências a desenvolver na atividade: rever os métodos de investigação em antropologia (design de investigação, preparação e realização do trabalho, observação – participação e realização de entrevista) e adaptá-los a situações concretas; perceber as mudanças que surgem na adaptação dos métodos à investigação em contextos virtuais; identificar a diversidade dos contextos virtuais em que se possa desenvolver a investigação antropológica. Iniciar-se na pesquisa e no trabalho de campo em contextos virtuais (integração acompanhada no *Second Life* – workshop de criação de avatares, observação participante, registos visuais, sonoros e audiovisuais, exploração dos espaços construídos e das atividades, participação em colóquios e conferências).

Cultura e tecnologia

O conceito de cultura e sua problematização passaram dos espaços da filosofia, antropologia, sociologia e de outros saberes académicos para novos ambientes mais implicados na nossa vida quotidiana – economia da cultura, as indústrias culturais, o desenvolvimento local, o debate político. Pretendemos nesta atividade interrogarmo-nos como as novas tecnologias podem redefinir e reconfigurar os processos culturais e os diferentes âmbitos das sociedades contemporâneas. Como exemplo dos âmbitos a abordar sugerimos a das culturas juvenis da geração internet.

São estes os objetivos e competências a desenvolver na atividade: estabelecer as relações entre cultura e tecnologia nos contextos de observação, identificados nos filmes; ler criticamente a bibliografia fornecida e usá-la nos estudos e caracteriza-

ção das situações de observação apresentadas (os filmes como lugares de observação); Elaborar conclusões (individuais ou duais (dialógicas) – texto, individuais – diário de campo); debater as conclusões encontradas em cada uma das situações identificando o que as aproxima e diferencia.

Sociedade e Sociabilidades em rede (on-line)

A internet está a revolucionar a comunicação humana. Com ela abrem-se novas formas de intercâmbio de informações, de forma interativa, assíncrona ou síncrona, com significativa intimidade mesmo que sem proximidade física. São criados novos pontos ou formas de encontro *on-line* e estes contribuindo para a formação de comunidades virtuais, comunidades de prática, formas de sociabilidade mediadas pelas tecnologias. Comunidades? O conceito tem evoluído desde os primeiros estudos de comunidade *Community Studies*, às comunidades imaginadas de Benedict Anderson. Bauman considera que

(...) a comunidade é um lugar “cálido”, um lugar confortável e aconchegante. É como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos num dia gelado... Numa comunidade, todos nos entendemos bem, podemos confiar no que ouvimos, estamos seguros a maior parte do tempo e raramente ficamos desconcertados ou somos surpreendidos... numa comunidade podemos contar com a boa vontade dos outros ... é nos dias de hoje outro nome do paraíso perdido (BAUMAN, 2003, p 7 e 8).

Muitos outros questionamentos poderão fazer-se ao conceito de comunidade - um conceito significativamente reconfigurado na atualidade. Talvez possamos estar de acordo com “o golpe mortal na ‘naturalidade’” do entendimento comunitário foi desferido, porém, pelo advento da informática: a emancipação do fluxo de informação proveniente do transporte dos corpos. A partir do momento em que a informação passa a viajar independente de seus portadores, e numa velocidade muito além da capacidade dos meios mais avançados de transporte (como no tipo de sociedade que todos habitamos nos dias de hoje), a fronteira entre o “dentro” e o “fora” não pode mais ser estabelecida e muito menos mantida. Nesta atividade propomos descrever os processos sociais tecnologicamente mediados e que são frequentemente denominados como: “comunidades de prática”, “comunidades virtuais” e sociabilidades específicas de relações sociais ou profissionais *on-line*; compreender a reconfiguração dos conceitos de “comunidade”, “identidade”, “espaço” e “tempo” nas sociabilidades *on-line*; definir o objeto e âmbito da ciberantropologia e enquadrá-la no quadro de desenvolvimento do projeto antropológico.

Computadores e margens sociais – diálogo e conflito

As tecnologias digitais constituem uma oportunidade para diferentes reconfigurações do humano. Numa perspectiva otimista, a oportunidade de uma apropriação do ciberespaço e dos artefatos digitais facilitadora da cooperação e da construção de ambientes de comunicação partilhados em toda a sua dimensão pragmática. Numa perspectiva pessimista o risco, o controlo, a globalização, a tendência para o individualismo e para formas gregárias efémeras ou a rutura com o ritmo tradicional das práticas comunitárias e das experiências pessoais de vida. É importante questionar os discursos hegemónicos que, com perícia, ocultam seus laços com o

império do mercado, e necessário desenvolver o pensamento crítico e criativo (ou distanciamento crítico e criativo) em relação aos novos fenômenos sociais e culturais das sociedades contemporâneas mediadas pelas tecnologias. São objetivos desta atividade: 1) Identificar identidades e processos sociais e culturais gerados na sociedade em rede tecnologicamente interconectada e considerados à margem da sociedade e da cultura dominante (cigano tv,⁹ media indígenas,¹⁰ media ninja,¹¹ migrant media¹²...); 2) Definir os conceitos de risco e de sociedade de risco e identificar práticas de risco na sociedade em rede tecnologicamente interconectada; 3) Situar a atividade lúdica do jogo no contexto destas práticas sociais e culturais; 4) Identificar questões metodológicas, éticas e jurídicas específicas na abordagem antropológicas desta temática.

Consumo, ação e ativismo mediado pelos computadores e artefatos digitais

Nesta Disciplina/Unidade Curricular talvez tenhamos sido surpreendidos pela ligação entre a antropologia e as tecnologias digitais. Acabamos vendo que muitos dos conceitos da antropologia foram tomados pelos autores que abordam as Comunidades Virtuais, as Sociabilidades e mesmo as Técnicas Corporais quando decidimos criar um avatar e atribuir-lhe gestualidade (ou outras formas de expressão corporal – dança por ex.). Agora seria interessante repensarmos o *Ensaio da Dádiva* de Marcel Mauss e do movimento MAUSS nas sociedades hoje, isto é, sua atualidade e presença para além dos interstícios sociais. Pois este trabalho está a ser feito a partir de múltiplas perspectivas. A dádiva, como diz Caillé:

(...) não é passível de interpretação nem na linguagem do interesse, nem da obrigação, nem na do prazer e nem mesmo na da espontaneidade, já que não é senão uma aposta sempre única que liga as pessoas, unindo simultaneamente, e de uma maneira sempre nova, o interesse, o prazer, a obrigação e a doação (CAILLÉ, 1998, p. 30).

Isto pode ver-se no jogador que se esforça em ser o melhor e o público o estimula, ou nesta situação de aprendizagem que conjuntamente vivemos, ou na produção de software livre, ou no cibervoluntariado. É esta a problemática que abordaremos nesta atividade do nosso encontro e da nossa reflexão sobre esta temática. Fica o caminho aberto para prosseguirem nos objetivos desta atividade: 1) Utilizar os métodos tradicionais de investigação antropológica no estudo dos fenômenos de inclusão social mediados pelas tecnologias digitais; 2) Estudar processos de inclusão social mediados pelas tecnologias digitais; 3) Analisar (análise crítica/auditoria) programas e práticas de inclusão digital visando o desenvolvimento de boas práticas; 4) Identificar práticas de ciber-voluntariado e de teoria da dádiva na era digital.

Nesta atividade pretendemos refletir sobre como a teoria da dádiva se reconfigura na era digital, se torna imperiosa em contextos de crise, tece laços quando estes se fragilizam.

9 <http://cigano-tv.blogspot.com.br/>.

10 <http://www.mediaindigena.com/>.

11 www.midianinja.org.

12 <http://www.migrantmedia.com/>.

Conclusões

A antropologia Digital, a antropologia do uso/consumo/utilização dos artefatos digitais e da cultura e das comunidades *on-line* constituem um amplo campo de conhecimentos e de vastas possibilidades de pesquisa para antropólogos. Mais cedo que mais tarde torna-se necessário desenvolver este campo de investigação e ensino não obstante a instabilidade de conceitos e a procura de nomenclaturas, termos e noções mais estáveis. A presente reflexão surge no final das primeiras experiências de ensino e após alguns anos de estudo sistemático das temáticas que reuni em torno das *Dinâmicas sociais e culturais na era digital*. Não se trata senão de uma primeira reflexão que esperamos amadurecer no desenvolvimento curricular da antropologia aberta a outras disciplinas e centrada em situações de contínuas e aceleradas mudanças.

Após alguns anos de trabalho na disciplina e regime de ensino a distância. O desafio que se coloca é o da passagem a ensino presencial, sem, no entanto, abandonar as práticas de pesquisa em ambientes virtuais, de explorar as dinâmicas sociais e culturais em ambientes digitais, de desenvolver formas de ensino experiencial ancoradas em contextos específicos, em metodologias mistas (quantitativas e qualitativas) e na construção de narrativas como forma de transmitir o conhecimento direcionado para a ação (social, criativa, transformadora).

E para além de uma representação da modernidade oferecida como tecnologia, tornando opaca a essência das coisas, a tecnologia não se reduz a seu caráter instrumental, mas se apresenta como um apelo que agrupa e ordena, revelando uma verdade que bloqueia outras verdades (YÚDICE, 2006, 2007). Daí que a reflexão sobre a tecnologia deve considerar, simultaneamente, a familiaridade com a sua essência e a diferença em relação à mesma, como na arte, tratando-se menos de instrumentalidade e mais de *performatividade*, que emerge como uma quarta episteme (no sentido foucaultiano, depois de semelhança, representação e historicidade) na forma como, além da instrumentalidade, se orienta para a ação social e a criação artística.

Bibliografia, filmografia, webgrafia

- AUGÉ, Marc. **Non-Lieux**. Introduction à une anthropologie de la surmodernité. Paris: Éditions du Seuil, 1992.
- AUGÉ, Marc. **Por uma antropologia dos mundos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. Edusp/Perspectiva, 1997.
- AUGÉ, Marc. “Lições de Lições”. In: AUGÉ, Marc. **Para que vivemos?** Lisboa: 90 Graus Editores, 2006.
- FELDMAN-BIANCO, Bela. **Antropologia das sociedades contemporâneas**. São Paulo: Global, 1987.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade** – a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- BAULIEAU, Anne Beaulieu, Anne. Mediating ethnography: objectivity and the making of ethnographies of the internet. **Social Epistemology**, 18(2-3): 139-164, 2004.
- BAULIEAU, Anne. Vectors for Fieldwork: Computational thinking and new modes of ethnography, contribution to the Companion to Digital Ethnography. In: HJORTH, Larissa et al. **The Routledge Companion to Digital Ethnography**. Londres: Routledge, 2016.
- CAILLÉ, Alain. Nem holismo nem individualismo metodológicos – Marcel Mauss e o paradigma da dádiva. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 13, n. 38, p. 5-37, out. 1998.

- DAVIES, Charlotte Aull. **Reflexive Ethnography: A guide to researching selves and others**. London: Routledge, 1999.
- DUPAIGNE, Bernard. L'Ethnologue Responsable. In: DUPAIGNE, Bernard. **Dire les Autres**. Lausanne: Editions Payot, 1997. p. 13-20.
- ESCOBAR, Arturo. Welcome to Cyberia. Notes on Anthropology of Ciberculture. **Current Anthropology**. Volume 35, Number 3, 1994.
- FISCHER, Michael. **Futuros antropológicos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- FLYVBJERG, Bent. **Making Social Science Matter, Why Social Inquiry Fails and How it Can Succeed Again**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- HANNERZ, Ulf. **Cultural complexity**. New York: Columbia University Press, 1992.
- KILANI, Mondher. **L'Invention de l'Autre, Essais sur le discours anthropologique**. Lausanne: Éditions Payot, 1994.
- HERMET, Gay. **Cultura e desenvolvimento**. São Paulo: Editora Vozes, 2000.
- HINE, Christine. **Virtual ethnography**. London: Sage publications, 2000.
- HINE, Christine. **Virtual ethnography**, 2007. www.cirst.uqam.ca/pest3/PDF/Communications/HINE.PDF ou www.uoc.edu/dt/esp/hineo6o4/hineo6o4.pdf.
- JENKINS, Henri. The work of Theory in the Age of Digital Transformation, 2003. <http://web.mit.edu/21fms/www/faculty/henry3/pub/digitaltheory.htm>, ou em <http://www.braintrustdv.com/essays/theory-3.html> (e em MILLER, Toby; STAM, Robert. **A companion to film theory**. Oxford: Blackwell Publisher, 2003).
- HAKKEN, David. **Cyborgs@Cyberspace? An Ethnographer Looks to the Future**. Londres: Routledge, 1999.
- LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. **A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.
- LATOUR, Bruno **Jamais fomos modernos**. Ensaio de Antropologia Simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- PIAULT, Marc-Henri Du Colonialisme à l'Échange. Demain, le cinéma Ethnographique? **CinémAction**, 64:58-65, 1992.
- REY, Bernard et al. **As competências na escola**. Vila Nova de Gaia: Gailivro, 2005.
- RIBEIRO, José da Silva. **Antropologia visual**. Lisboa: Universidade Aberta, 2016.
- YÚDICE, George. **A conveniência da cultura: usos da cultura na era global**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, 615 p.
- YÚDICE, George. **Nuevas tecnologías, música y experiencia**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2007.

Filmografia

Diziga Vertov (1929), **O homem e a câmara de filmar**

C. Chaplin (1936), **Tempos Modernos**

Andy e Larry Wachowski (1999), **Matrix**